

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Se existe alguma provincia no imperio, que exija da administração serios cuidados, ninguem dirá que não é a de S. Pedro do Rio Grande do Sul: depois de uma commoção de mais de oito annos, se se quer estabelecer nella duradoura tranquillidade, é preciso empregar os meios, que forem convenientes, e tomar muito cuidado, que se não empregue algum, que produza effeito contrario ao que se deseja.

Cuidamos nós, que algumas das medidas, que devem ser tomadas devem partir da autoridade espiritual, e não poderão ser bem tomadas, senão á vista das necessidades, e com pleno conhecimento dellas. Existe ahí um prelado, de cuja diocese faz parte o Rio Grande: que providencias tem elle dado para estabelecer a paz entre os homens na terra? o pastor a quem Jesus Christo entregou suas ovelhas e cordeiros, que medidas tem empregado para evitar, que não sejam prêa do leão, que se circula rugindo, procurando devoral-as?

Não foram só as leis temporaes, as que violaram os rebeldes do Rio Grande: tambem as ecclesiasticas foram por elles postas de parte: muitos sacramentos ali foram administrados, que carecem de providencias, porque foram incompetentemente administrados: deve haver muitos matrimonios incestuosos, isto é, entre parentes, e para os quaes não tem intervindo as devidas dispensas. Este mal é tanto mais grave, que affecta o espirital e o temporal, em quanto semelhantes conjuges vivem no peccado: o temporal porque taes matrimonios são nullos, e de taes nullidades podem resultar muitos processos, tanto sobre a legitimidade da prole, como sobre direitos hereditarios.

E quem terá ali administrado o Sacramento da Confirmação? Ha mais de oito annos, que a provincia de S. Pedro não conhece esse Sacramento por pratica: e por ventura não é tambem a confirmação um signal visivel da graça invisivel? Pôde conscienciosamente um prelado deixar assim as suas ovelhas privadas de um beneficio, que lhes aliás

outorgou o Divino Mestre? Quem o dispensou dessa obrigação? As leis da igreja não, que essas o mandão correr onde estiver o perigo.

E o perigo no Rio Grande cessou já. Em circumstancias bem menos urgente o Sr. D. José Cactano visitou toda a sua diocese, acudindo com o remedio proprio as necessidades de suas numerosas ovelhas.

Nossa opinião seria, que se criasse um bispado no Rio Grande: mui populosa e rica é a provincia, para que não mereça a pequena despeza, que possa fazer um bispo. Fosse ao menos prelasia, de modo, que houvesse na provincia uma autoridade com character episcopal; mas obrigar aquelles povos a vir ao Rio de Janeiro buscar os soccorros espirituaes, de que carecem, além de muitos inconvenientes, é sobre maneira impolitico.

Um bispo poderia fazer hoje relevantissimos serviços a causa da ordem na provincia. Qual é o coração tão duro, que chamado ao cumprimento de seus deveres pelo varão apostolico, encanecido na pratica das virtudes e na maceração das penitencias, deixé de acudir a elle? Quem se não commoverá vendo prégada a paz pelo unguido do Senhor? Sim, que não é o bispo somente para celebrar missa pontifical: é para unir na igreja ou no meio dos campos os fieis, e ahí annunciar a palavra de Deos. Assim lh'o ordenou o Divino Mestre: *prædicate evangelium meum universæ terræ.*

E' a religião o mais poderoso freio do crime, é ella só que pôde conter o malvado, que não é contido pelo receio das leis temporaes: todos sabem isto. Mas até hoje este meio tem sido desprezado. Por ventura não terão nelle confiança as autoridades ecclesiasticas? E se a tem, porque o não empregam? Não é um de seus mais rigorosos deveres evitar a fusão de sangue entre irmãos, que razão nem-uma tem para se odiar? E se a diocese é demasiadamente grande, se os cuidados de uma parte delle, absorvem todos os cuidados daquelle, que a ella preside, então seja elle o primeiro a pedir a divisão della. Mas, se a não pede, é porque se julga com

forças bastantes; e então qualquer negligencia é indesculpavel.

O zelo pela propagação da fé de Jesus Christo, tem renascido com novo fervor mesmo naquelles logares, onde parecia de uma vez extincto: o governo do Brasil tem seguido a marcha geral do seculo, fazendo vir com grandes despezas missionarios capuchinhos da Italia. Mas aquelles, a quem mais incumbe essa obra, vivem tranquilllos como se nada fosse com elles! Dormem somno socegado, sem se lembrarem quão grande é a ceara, e quão poucos são os trabalhadores! Uma provincia inteira reclama com tanta urgencia os seus serviços, mas elles são surdos aos clamores daquellas almas afflictas! E' tempo de acabar esta indifferença: é tempo de mostrar praticamente aos homens, que a religião não serve só para o outro mundo; tambem tem muitas vantagens para este.

O PARTIDO DA ORDEM.

Ha tempos appareceu ali o *Nacional* com um artigo com a epigrafe acima, no qual pretendeu nada menos, que imputar-nos a nós os sustentadores da tranquillidade, os crimes da facção. Segundo o contemporaneo nós somos os perturbadores da ordem, em quanto a facção quer conservar o que existe, fazendo-lhe soffrer lenta e gradualmente a lei do progresso. Certamente zomba de nós o contemporaneo, porque só por zombaria se pode conceber, que se escrevam semelhantes cousas. A facção quer conservar o que existe?

Lá está o Rio Grande onde a facção quer conservar o que existe: na Bahia em 1837, no Maranhão em 1838, no Rio de Janeiro em 1840, em S. Paulo e Minas em 1842, a facção tem sempre querido conservar, o que existe! Em 30 de julho levando a tropa ao campo, querendo a demissão da regencia, propondo, que a camara dos deputados se transformasse em constituinte, tendo ja prompta a nova constituição federal, que de cada provincia devia fazer um estado soberano, e que reduzia o governo geral a viver das quotas provinciaes, fixando as attribuições do poder central por proposições positivas, e as dos poderes provinciaes por proposições negativas, a facção queria conservar o que existia. Nós, que temos por vezes levado a rebellião do Rio Grande aos seus ultimos apuros, e agora mesmo a temos, dando a alma a quem lh'a quizer levar, que debellámos a rebellião da Bahia, a do Maranhão, a de S. Paulo e a de Minas, que nos oppozemos ao 30 de julho, nós somos desordeiros, queremos os progressos apressados, queremos o transtorno de todas as ideias sociaes.

Esta linguagem do contemporaneo é a mais forte censura, que se pôde fazer á facção: não se atreve a confessar seus actos: pelo contrario, quer vestir-se com nossos vestidos, e emprestar-nos os seus. Isto diz com evidencia, que se reconhece culpada, mas não tem animo de dizer — minha cul-

pa —: conhece-se culpada; mas de coração duro não dá entrada ao arrependimento.

Nós queremos conservar o *statu quo*, queremos reconstruir as peças da velha monarchia, quebradas em 1822? O contemporaneo desconhece-nos absolutamente, ou então nos calumnia. Não ha no lado a que pertencemos, ninguém tão estúpido, que não conheça, que o tempo tem uma marcha tão lenta como segura; e que uma vez passado não volta. As revoluções feitas pelo tempo, as conquistas feitas pelo tempo, ninguém é capaz de as transtornar. A revolução de 1822 até certo ponto foi obra da natureza e do tempo: o Brasil a respeito de Portugal era o filho a respeito do pai, que longe das vistas d'elle estabeleceu economia em paragens remotas: em quanto suas relações foram estreitas, em quanto seus capitães eram poucos, e por consequencia tinham pequeno giro, em quanto se conservou celibatario, facil lhe era obedecer as ordens paternas, sem dellas se desviar nem em um só ponto; mas quando se viu cercado de mulher e filhos, quando seu commercio tomou vasta extensão, quando numerozo circulo de domesticos, de clientes e de amigos o cercaram; quando por consequencia um milhão de hypotheses se lhe apresentaram cada dia, sobre as quaes lhe foi preciso tomar prompta resolução, foi-lhe preciso tomar direcção sua, não esperar mais pelos avisos paternos, que quando chegavam, com quanto proveitosos podessem ser, já vinham a deshoras.

Até aqui sabemos nós: e não somos tão ineptos, ou para melhor dizer, tão faltos de amor do paiz, que queiramos retroceder do ponto, a que nos conduziram natureza e tempo; porém tambem não somos tão ineptos nem tão faltos de amor do paiz, que queiramos apressar a marcha do tempo e da natureza. Querer, na zona torrida seguir os habitos das zonas frias, querer jovens imberbes seguir as pisadas de homens feitos; querer novos recrutas acompanhar a la par os soldados encanecidos no campo; querer nascidos hontem, ir na frente d'aquelles que contam seculos de existencia! isso é loucura imperdoavel só digna da casa dos orates. Supponho que fomos mais adiante do que nos convinha; temos-nos achiado mal; trabalhamos por mudar o passado, e sobre tudo procuramos muito evitar as precipitações, porque diante dos nossos pés vemos um abysmo insondavel. São tantos os elementos de destruição em nosso paiz! Em outros á par de uma ou outra causa de susto, ha mil causas de esperança; entre nós pelo contrario, á par de uma esperança, temos mil causas de susto.

E' crime este nosso pensar e proceder? Ali está o *Nacional* para nos absolver, justificar e até elogiar; eil-o ali que diz — Conservar o que existe, fazendo-lhe soffrer lenta e gradualmente a lei do progresso, tal é o verdadeiro caracter do ordeiro. —

O *Nacional* arroga para a facção, o que de nós dizemos; mas os factos fallam; já á uma referimos

alguns; querem mais? Facil nos fora referir muitos outros; mas muitas vezes o temos feito, e escusado o julgamos por agora. Não somos nós os que temos não só desculpado, como até elogiado todos os movimentos precipitados do paiz: não somos nós os que ainda o anno passado chamamos movimentos generosos à resistencia armada contra a execução da lei, quando aliás são reconhecidos criminosos, e se dizem provocados pelo gabinete; não somos nós, os que vimos as caveiras sapecadas na Bahia, e os que chamaram heróes aos Netos, e estrellas do sul aos rebeldes do Rio Grande; não somos nós os que conduzimos as tropas ao campo para destruir a lei do paiz; não somos nós os que provocamos os escandalos de 1840. Ah! estão os factos; sabe-se bem quem são os seus autores; sabe-se bem quem mandou Bento Gonsalves à Bahia, e de lá o fez ir para o Rio Grande.

Os factos fallam, e em presença dos factos callam-se todos os raciocínios.

PROTERVIA DO -- PHAROL.

Sabe o Rio de Janeiro, que existe ali uma folha denominada o *Pharol Constitucional*, (do que nada tem) que nada respeita; em seu furor demagogico nada lhe escapa por mais sagrado, que seja. Não contente em insultar quanto cidadão honesto e honrado por ali vive, audaz com o socego, em que o deixaram, e procurando o escandalo como meio de vida, subiu ao mais alto, a que no Brasil se pôde subir; dirigiu ataques directos, muito directos, muito positivos à augusta pessoa do monarcha, que a lei declarou sagrada e inviolavel. Mas o jury, por um desses desvios, que acontecem nas cousas humanas, e que são filhos de sua má organização, tinha absolvido o calumniador de um honrado magistrado. O que se devia esperar daquelle, que não duvidara offender o monarcha? Por consequencia necessaria, devia elogiar o jury, que assim tinha decidido; e com effeito assim o fez: essa decisão foi reputada como o cumulo da sabedoria e da justiça; o tribunal, que a deu, foi elevado às nuvens, como recto e illustrado; nada pôde haver no mundo superior às suas decisões.

Mas chegou a vez do *Pharol*: teve elle de ser julgado por esse mesmo tribunal; adrede começou a espalhar calumnias, dizendo, que o governo tinha ordenado aos empregados publicos, que se achassem cedo em suas repartições, a fim de poderem substituir os jurados, que faltassem. Imputação absurda, porque tal recommendação era desnecessaria, pois que todas as repartições publicas se abrem ás 9 horas, e o jury ás 10, e por tanto, sem recommendação deviam os empregados achar-se já em suas estações; calunnia atroz, porque era attribuir ao governo um crime, que a ser verdadeiro o devia fazer olhar com horror para todos os homens le bem. Mas o *Pharol* tinha um fim; e era se fosse condemnado, attribuir sua condemnação a esse ma-

nejo inventado por elle; e se fosse absolvido, clamar que apezar de todos os pezares, tinha conseguido um juizo favoravel. Sahir absolvido! O *Pharol* nunca o esperou.

Reuniu-se o jury, e o *Pharol* foi duas vezes condemnado. Clamores contra o jury! Esse tribunal tão recto, tão imparcial, tão illustrado no julgamento do doutor Azevedo; esse tribunal, sublime concepção de um genio ainda mais sublime, superior a todo o elogio, é coberto de baldões; é agora posto pelas ruas da amargura; nada ha mais vil, nada mais baixo, nada mais infame do que o jury; agora é o ECHO DO RIO chamado como autoridade, por que o ECHO DO RIO tem dito, que o jury carece de outra organização. E o governo? esse é monstro, é mais que tigre, é tudo quanto de mais feroz se pôde imaginar. E o responsavel do artigo? esse mesmo, que o redactor do *Pharol* illudiu, para levar de roxo ante os tribunaes, a quem fez promessas, que não cumpriu, a quem nem ao menos mandou á cadêa um bocado de pão, ou uma sede d'agua: oh! o responsavel, esse é um miseravel, um vil, um patife! patife, leitores, é a expressão que o *Pharol* emprega para designar o homem, que se responsabilizou por elle, que por elle se obrigou a comparecer ante os tribunaes, e a soffrer a pena, que elle houvesse de soffrer; e que assignou essa responsabilidade, quando já o redactor sabia, que os artigos se achavam accusados, mas occultando esta circumstancia! Patife! foi o nome mimoso, com que o redactor do *Pharol* brindou o seu responsavel!

Mas o redactor do *Pharol* teve razão: se poderemos transcrever o que em sua defesa contra o redactor do *Pharol* disse o responsavel d'elle, nossos leitores se horrorisariam. Diz o *Pharol*, que foi recado encommendado! Não, não, não: porque já antes em confidencias, o seu responsavel tinha dito isso mesmo; porque esse responsavel foi bater á porta de alguns advogados, e a elles revelou tudo isso. Não: porque o calor, o sentimento com que o redactor do *Pharol* se exprime, não são de encommenda, partem de uma viva convicção.

Desgraçada imprensa! desgraçada facção! que abandona aquelles mesmos, que por ella se sacrificam! que compram uma responsabilidade com promessas, mas depois as não satisfazem! que para comprar essa responsabilidade começam por illudir o desgraçado, que se vai responsabilisar! E que a final ainda cobriu de maldições o seu bemfeitor!

Era alma de lodo esse que tomou sobre si a responsabilidade, dizeis: e para que o convidastes? para que fostes buscar alma de lodo? porque não ennobrecestes vossa causa, procurando um nome honesto, e que vos honrasse! Foi elle offerecer-se-vos? não: vós o procurastes, por que é o redactor quem procura o responsavel.

Em fim o artigo é uma dessas produções asquerosas, que mette nojo ler; asqueroso pelo titulo,

asqueroso pelas imputações, e asqueroso pelas pessoas, a quem ataca. Este com effeito deve ser o paradeiro de todos aquelles, que só vivem de escandalo, que carecem de produzir vivas emoções para ter extracção. Não será lido o *Pharol* por quem tenha dous dedos de sentimento do justo e do honesto, mas será lido por alguém, e é isso o que quer o seu redactor, e aquelles, que lhe encomendaram o sermão. Mas como todas as cousas tem um lado bom, também o *Pharol* o tem no artigo, a que alludimos: é mostrar aos *testas de ferro* a sorte, que os espera.

O JURY.

Em alguns numeros desta falha temos emittido algumas ideias, que não são favoraveis ao jury tal e qual exista entre nós, e mesmo ao jury em geral, porque em nossa curta comprehensão não vemos reforma possível, a menos que não seja da todo desnaturado, e por consequencia, que não seja jury, e porque vemos, que as mais nações, que o admittiram, hoje se queixam delle amargamente. Tem nossos artigos servido de argumento para se dizer, que o ministerio quer extinguir o jury, e para que a facção quando algum juizo desse tribunal lhe é desfavoravel se apoie com nossas palavras, clamando logo, que foi abuso. Quanto á accusação feita ao ministerio, declaramos muito positivamente, que não recebemos delle uma só insinuação, nem a esse nem a respeito algum: escrevemos o que pensamos: lançamos nossas ideias ali á praça, para que as apanhe quem quizer; para que entrem em discussão; para que caminhem por esse mundo e busquem fortuna. Se defendemos o ministerio muitas vezes, é porque vemos a injustiça das accusações, que se lhe fazem; é porque vemos ameaçada a ordem, porque para nós este ministerio, ou outro tirado do mesmo lado symbolisa a ordem, um ministerio do lado opposto symbolisará a anarchia, porque é o que significa a resistencia armada sempre, e em todo o caso. Dizia o Sr. Honorio fallando do ministerio de março, que apoiava o ministerio como exclusivo de outro lado contrario, o mesmo quasi dizemos: dignissimos são os membros do actual gabinete; mas outros do mesmo lado receberiam também o nosso apoio; senão, apoiariam um do lado adverso.

Voltando porém ao jury, temos a dizer á facção, que ella mesma é, a que mais condemna o jury. Se todas as condemnações desse tribunal, são effeitos de sua má organização, então é necessario pôr cobro a tanto abuso: é necessario organisar-o de modo, que preste mais garantias. A facção defendendo o jury, argue o dos mesmos defeitos, que nós o arguimos. Para que seus argumentos prevalecessem seria preciso, que em todos os julgamentos reconhecesse ella o triumpho da justiça: mas queixando-se de abusos argumenta em nosso favor.

Não é hoje nossa intenção escrever largamento sobre o objecto; diremos porém, em resumo, que um tribunal, em que é licito fazer entrar juizes parciais, e que não tem responsabilidade, nunca pôde ser bom tribunal. *Fuit, fuit ista quondam in republica virtus*; sem responsabilidade não pôde haver juiz irresponsavel, só aquelle, que não tem poder para fazer mal. O mais é burla, é zombaria, é perfeita irrisão. E se a sorte é cega, o que será um tribunal composto á sorte.

CARTEIRA DOS REBELDES.

É provavel, que o Brasil inteiro ainda ignore qual é o meio de que se servem os actuaes ministros para se sustentar no poder, porque apesar do lh'o dizer o *Nacional*, são tão poucos os seus leitores, que foi o mesmo, que se estivesse calado: mas nós o auxiliaremos, espalhando por nossa parte e tanto quanto em nós está esse famoso achado, que basta para dar nome eterno ao contemporaneo: tanta gloria não adquiriu ao Sr. Antonio Carlos o famoso decreto sem enações. De que meio pois se lembrariam os ministros, quando vêem contra si desencadeada a opinião publica, e o monarcha prestes a retirar-lhe a sua confiança? Suppoem e fazem publicar, que foi apanhada uma carteira a algum chefe rebelde; e só com isto a confiança publica renasce, e o monarcha acredita nos ministros. Invenção sublime! só a supposição da achada de uma carteira! Confessemos, que os genios, que com tão simples meio se sustentam no poder, não são genios ordinarios!

E o contemporaneo cuida, que alguém o hade acreditar. De modo, que segundo elle, pôde apanhar-se a bagagem dos chefes rebeldes, mas a sua correspondencia, mas interceptar-lhe cartas, que uns a outros se escrevem, ou que da côrte lhe escrevem pessoas, que talvez a patriótica sucia do *Nacional* conheça melhor do que nós, isso é impossivel, e aquelles, que o dizem, mentem desavergonhadamente.

Recommendamos ao contemporaneo, que não descubra tanto as suas sympathias pelos rebeldes, alias se suppórá, que tem interesse immediato em que se não publique essa correspondencia interceptada.

ATENÇÃO!

Temos ouvido, que o ministro inglez nesta côrte, dirigiu uma nota ao Sr. ministro dos negocios estrangeiros, na qual diz, que estando a findar-se o tratado de commercio entre as duas nações, se faz preciso, que se ajustem as contas entre ambas: e que nestas é preciso que sejam contemplados cerca de dous milhões sterlingos provenientes das consignações dos paquetes, que não tem sido pagas. E o pagamento destes dous milhões (consa de 18 mil contos de nossa moeda) exige-os quanto antes.

Sahiu presidente da mesa eleitoral, o Ex.^{mo} Sr. Paulino com 109 votos. Foram immediatos os Ex.^{mos} Srs. Salvador com 56; e Vasconcellos com 1.